

Viagem sem Retorno

No seu comentário do dia 3 (*A palavra do presidente*) Fernando Henrique Cardoso disse com todas as letras que estamos no "ano da educação". Isto equivale a dizer que o Brasil está em pleno mar, numa viagem sem retorno, depois de admitir que o barco antigo do ensino fez água por todos os lados e precisa sofrer reforma que não se limite a tapar buracos.

Em breve, 42 milhões de alunos voltarão às 350 mil escolas públicas brasileiras e já encontrarão algumas modificações. A maior parte delas ainda passará pelo Congresso, onde há dois anos tramita a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Foi aprovada pela Câmara e está na ordem do dia no Senado.

Na verdade, trata-se do mais revolucionário conjunto de medidas no ensino desde a reforma de 1971, quando o Ministério da Educação extinguiu o exame de admissão, transformou o curso ginasial em ensino obrigatório de primeiro grau e substituiu o clássico e o científico pelo atual segundo grau.

Das mudanças já anunciadas, sem dúvida a que mais causou reações foi a avaliação das escolas nos três níveis de ensino, para estimar o desempenho das instituições. A ideia é beneficiar com mais recurso quem tiver desempenho melhor. Educador no Brasil, no entanto, detesta ser avaliado, mas não há quem possa negar que a avaliação é fundamental para que o próprio mercado tenha uma visão do que realmente é bom. Sob este aspecto, o vestibular unificado — esta instituição tipicamente brasileira que cresceu como erva daninha — está com os dias contados, cedendo lugar à ideia de que cada instituição elabore seus próprios critérios de ingresso.

A última das mudanças propostas pelo ministro Paulo Renato é que o 2º grau considere o mundo da produção como seu eixo e se volte para o mercado de trabalho, sem tornar obrigatória a profissionalização. Outras mudanças são quase tão óbvias, no mundo moderno dependente de tecnologia e, portanto, de educação, que não se entende como já não tinham sido adotadas. Colocação de televisores e antenas parabólicas nas escolas, transferência das escolas técnicas para as redes estaduais de ensino, verbas indo diretamente para as escolas (sem passar pelas prefeituras), aumento da carga horária dos professores, reforma do ensino técnico. Como disse o presidente, na sua fala radiofônica: "É importante cuidar da saúde e do emprego, mas é educando mais e melhor nosso povo que colocaremos o Brasil entre os países mais desenvolvidos e mais justos do mundo."

Em 1990 e em 1993 fizeram-se dois exames nacionais de avaliação de escolas de primeiro grau. Elas mostraram que o ensino público brasileiro é medíocre em qualquer estado, no Piauí como em São Paulo. Segundo a pesquisa, de cada grupo de mil alunos matriculados nas escolas públicas, apenas um consegue aprender o conteúdo mínimo exigido. É assustadora esta conclusão. Mas a evasão escolar e a repetência estão aí para atestar a falta de qualidade do ensino brasileiro básico. Este é o Brasil de hoje, que precisa ser mudado, com 18% da população acima de 15 anos analfabetos, 4 milhões de crianças fora da escola, e onde um estudante leva em média 12 anos para completar os oito anos do 1º grau. Diz o ministro Paulo Renato: "O aluno precisa estar consciente de que tem de estudar mais, o professor que precisa se aperfeiçoar, o comerciante que pode doar uma televisão à escola de sua comunidade, o empresário que pode adotar uma ou mais escolas."

Disse também o ministro: "O MEC tem sido o ministério das universidades federais, e não o ministério da educação." A mudança, portanto, tem de ser de eixo, e não derramamento de dinheiro a esmo. O Brasil já investe 3,7% do seu PIB em educação, a mesma coisa que Itália e Chile, e mais do que a Coreia do Sul (3,6%) e Espanha (3,2%), todos eles com melhores resultados.

O que ocorre no Brasil é que os alunos, de todas as idades e em todos os níveis, estão desmotivados. E se no 1º grau em cada dois alunos um repete o ano, o problema não é do aluno, e sim da escola. Chega de desviar recursos do ensino fundamental para as universidades. Chega de humilhar os jovens com exames vestibulares destinados a testar tudo, menos sua capacidade. Chega de lançar no ralo verbas monumentais.

Transformar a escola é uma revolução maior do que se imagina, mas deve-se tentar. O mundo mudou. Antigamente não existiam tantos alunos na periferia, por isto é necessário aproximá-los das escolas sem bombardear a qualidade do ensino. Não adianta expandir as vagas para dar espaço a todos os jovens de 15 a 19 anos porque se ampliará à toa a rede escolar, já que o 1º grau não está formando gente para ocupar essas vagas. Nem o 2º grau, pela mesma lógica, tem capacidade de formar gente para entrar nas universidades.

O mundo ficou complexo. O professor se intimida por não dar conta das complexidades. Os alunos colocam em dúvida a necessidade de aprender determinados assuntos. Chega de desencontros.